

Autor: Julio Cesar Bianchi Furtado (Julio Fantasma)

Mais Contos: <http://www.juliofantasma.com.br/contos-de-terror/>

Facebook: <http://facebook.com/juliofantasma>

Twitter: <http://twitter.com/juliofantasma>

## A BARBEARIA

Além de ter que lidar com a morte trágica do tio, Jonas Ferromonte ainda teve que suportar um longo interrogatório. A polícia queria entender o que acontecera naquela fatídica manhã de quinta-feira, na Barbearia Nota Dez.

Jonas, 18 anos recém-completados, nunca havia pisado numa delegacia de polícia, até aquele dia. Seus nervos já estavam aos frangalhos e tudo o que ele queria era poder apagar os últimos quatro dias e voltar ao normal. Mas infelizmente isso não seria possível.

— O que você quer de mim? — disse Jonas; seu rosto trazia o cansaço e a angústia das últimas horas. Seu copo de café, ainda cheio, jazia sobre a mesa. — Eu já disse tudo o que eu sei. Você acha que meu tio tinha um motivo pra fazer o que fez? Não, é lógico que não! Nada daquilo faz sentido. Como poderei explicar o inexplicável?

— Tudo tem uma explicação — respondeu o delegado Mauro Argelim, responsável pela investigação. Ele conhecera o tio de Jonas; fizeram o colegial juntos. Cidade pequena tem dessas coisas. Tremembé, interior de São Paulo, foi onde tudo aconteceu.

— Eu gostaria de ajudar — prosseguiu Jonas. — Só não sei de que forma. A única pessoa capaz de dar um fim nisso tudo está debaixo da terra. E até onde eu sei, mortos não prestam depoimento.

— Sei que deve estar sendo difícil para você e sua tia.

— Não, o senhor não sabe. Minha tia não consegue dormir sem a ajuda de remédios; a pobrezinha nunca mais será a mesma. Eu tenho pesadelos todas as noites, e eles ficam cada vez piores. Quando saio de casa, todos me olham de forma esquisita, como se eu tivesse feito tudo aquilo.

— As pessoas não estão preparadas para uma tragédia como aquela. Bom, ninguém está.

Silêncio por alguns instantes.

— Seu tio não tinha uma filha?

— Sim, mas ela fugiu de casa com o namorado e nunca mais deu sinal de vida. Isso já tem quase sete anos.

— Sua tia precisa de você, Jonas — e o delegado apertou-lhe o ombro. — Vá para casa. E, por favor, se você recordar de algo que possa nos ajudar; qualquer coisa, não hesite em me ligar.

Jonas assentiu com a cabeça.

— Quer uma carona?

— Não, obrigado. Preciso respirar um pouco de ar puro.

Cumprimentaram-se. E antes de partir, Jonas inverteu os papéis, fazendo uma pergunta ao delegado:

— Em todos estes anos, já investigou um crime como este?

— Não.

Jonas mora com os tios desde os cinco anos de idade, quando seus pais morreram num acidente de trânsito. Hoje, quando atravessasse a sala, em direção ao seu quarto, não

ouviria as piadas do tio. Eram sempre as mesmas, mas ele ria da mesma forma todas as vezes. Seu tio Nélio era um homem cheio de vida, o que tornava sua morte um mistério ainda maior.

Chegando em casa, Jonas notou que havia alguém esperando por ele, sentado num canto da varanda. A luz estava apagada e via-se apenas um vulto e fumaça de cigarro. Sua tia Cecília não fuma, portanto não é ela. Depois de tudo o que enfrentou nos últimos dias, Jonas ficou um pouco nervoso com aquela presença.

— Seu tio destruiu a minha família — disse a pessoa na escuridão. A voz era masculina e Jonas a reconheceu de imediato; era o senhor Luiz Kunamara, pai de Jean, o garoto assassinado pelo tio, na barbearia.

Jonas procurou palavras, mas não conseguiu.

— Fala alguma coisa, por favor! — disse Luiz, após uma última tragada em seu cigarro.

— Lamento muitíssimo pela sua perda.

— Por que aquilo foi acontecer, Jonas? Minha esposa não come, não fala, não tem forças nem para se levantar da cama. Minhas filhas choram o dia inteiro. O que será da minha família daqui pra frente?

Kunamara, um nissei de 42 anos, agora aparentava ter o dobro da idade. Em todos os anos em que freqüentou a barbearia do tio, Jonas sequer o viu sorrir; o homem parecia feito de pedra. Seu rosto era sempre o mesmo, sisudo. E agora o homem chorava feito uma criança que caiu da bicicleta. Jonas deixou o senhor Kunamara chorar em paz e não lhe disse nada; talvez chorar lhe fizesse bem. Afinal de contas não havia nada que ambos pudessem fazer para trazer o garoto de volta.

A porta abriu-se lentamente atrás deles. Cecília, vestindo seu velho e batido pijama, juntou-se a eles na varanda. Ela olhou para o sobrinho, depois para o senhor Kunamara.

— Temos que ser fortes — disse ela, colocando gentilmente suas mãos sobre as costas do homem.

— De onde retirar estas forças? Nunca mais verei o meu garoto, dona Cecília! Nunca mais! Faz idéia do que seja isso?

Cecília Ferromonte, 57 anos, mulher batalhadora, professora aposentada, tia carinhosa e amiga. Seus olhos estavam inchados pela falta de sono dos últimos dias. Perder a pessoa amada não é fácil para ninguém, principalmente da forma terrível como perdera Nélio.

— Sim, eu sei o que você está passando — respondeu ela. — Não perdi um filho, mas perdi meu companheiro de tantos anos; a pessoa que eu mais amei em toda a minha vida.

— Não consigo entender. Seu marido era incapaz de fazer mal a uma formiga! Era um dos homens mais gentis que eu já conheci.

— Entender o que aconteceu não diminuirá nossa dor. Estou tentando não pensar nisso.

— Para a senhora é mais fácil dizer isso. Eu estava lá. Vi meu filho sangrar até a morte. Não desejo aquilo nem para o meu pior inimigo! Tanto sangue, meu Deus, tanto sangue!

Cecília desmaiou e teve que ser internada às pressas. Jonas ficou ao lado da tia o tempo todo, pois ela teria feito o mesmo por ele.

Pela manhã, Cecília acorda e vê o sobrinho dormindo no pequeno sofá para visitas. Jonas era um rapaz extraordinário, havia muito do tio Nélio em sua personalidade. Cecília o

amava, tanto quanto amava a própria filha. Na verdade, Cecília e o marido nunca o trataram como sobrinho, mas como um filho.

Desde pequeno, Jonas ajudava o tio na barbearia. Aos 15 anos, o garoto começou a ter aulas com o tio. Quando completou dezessete, já era um dos melhores barbeiros da cidade, para não dizer da região. Nélio não poderia sentir mais orgulho.

Cecília ficou alguns minutos olhando Jonas dormir. Aquela cena lhe transmitia uma sensação enorme de paz, algo que ela precisava mais do que tudo. Quando o sol começou a entrar pela janela do quarto, Jonas finalmente acordou. Cecília fez o máximo que pôde para colocar um sorriso em seu rosto; pelo sobrinho. O rapaz já estava sofrendo tanto com a perda do tio; não era justo que ele a visse sofrer também.

— A senhora está bem?

— Estou, querido.

— Que bom ver este sorriso outra vez, tia.

Cecília ficou vermelha. Ela deixou escapar uma lágrima, mas era de alegria. Ou pelo menos ela fingiu que era.

— Você herdou a simpatia do seu pai, sabia?

— Acho que a senhora já mencionou isso algumas vezes — e Jonas sorriu para ela.

— Meu irmão era o mais atiradinho da família. Todas as meninas da rua brigavam por causa dele. A cada dia que passa você fica mais parecido com ele. Até o jeito de andar é igual; incrível!

Jonas foi sentar-se ao lado da tia. Ele acariciou delicadamente seu rosto e depois segurou uma de suas mãos.

— Agora somos nós dois — disse ele.

— Até você se casar e encher a casa de crianças. Você sabe como eu sempre tive vontade de ser avó.

— Talvez a senhora já seja.

Ambos ficaram algum tempo calados, pensativos. Jonas arrependeu-se amargamente do que acabara de dizer. Fazer a tia lembrar-se da filha que não via há tanto tempo seria crueldade. Ele sentiu um grande remorso.

— Sabe o que é estranho? — disse Cecília, de repente.

— O quê, tia?

— Eu estava com um mau pressentimento aquele dia.

— É mesmo?

— Sim. Quase pedi para vocês folgarem e não abrirem a barbearia. Mas ... não tive coragem de pedir. Seu tio não teria atendido o meu pedido mesmo.

— Pois é, era bem improvável mesmo.

— Aquele lugar era sagrado para ele. Bom, tornou-se sagrado quando o pai dele morreu e lhe deixou como herança, pois até então era apenas uma barbearia.

Silêncio novamente.

— Sinto tanto a falta dele — disse Jonas, quase num sussurro. — Foi tudo tão rápido. E quando eu me lembro, parece que tudo não passou de um pesadelo, sabe?

— Às vezes me pergunto se eu queria estar lá quando tudo aconteceu.

— Não diga isso. Os anjos lhe pouparam, tia. Acredite em mim.

Cecília ficou sabendo de tudo pelo telefone. A princípio pensou ter sido uma piada de muito mau gosto. Infelizmente não era piada. Ao chegar na barbearia, amigos e vizinhos tentaram poupar-lhe daquela cena horrível e chocante, mas ela queria ver o que tinha

acontecido com seu marido. A barbearia tinha mais sangue do que todos os filmes de terror da sua adolescência. Não dava para acreditar que aquela cena era real. O alvoroço e o desespero de todos era grande, mas tudo o que ela viu foi o corpo do marido caído num canto; seu pescoço aberto. Só de lembrar, uma dor indescritível lhe acomete o peito; rasga-lhe a alma, feito uma folha de papel. Se não tivesse pensado no sobrinho, Cecília teria desistido de viver naquele exato momento.

— Eu sempre senti uma vibração diferente naquele lugar — prosseguiu ela.

— Para ser bem sincero, tia, eu também. Eu odiava quando tinha que fechar a barbearia sozinho; eu sempre ficava com a sensação de estar deixando alguém lá dentro.

— Você nunca me contou isso, querido.

— Sei lá, sempre achei isso meio idiota.

— Por mim, teria vendido aquela barbearia há muito tempo. Mas seu tio jamais concordou com esta idéia.

— Acho que ele via a barbearia como uma missão; como se tivesse que continuar algo que o pai dele começara lá atrás.

— Aquele lugar é mais antigo do que você imagina. Acho que foi o avô dele que começou tudo, sabem-se lá quantos anos atrás.

— Sim, acho que o tio me contou esta história uma vez.

— Mas garanto que ele não te contou todas as histórias.

— Como assim?

— Ele te contou a história da mulher que se recusou a entrar na barbearia?

— Sério? Quando foi isso?

— Foi há muitos anos. Você ainda era um menininho.

— E por que ela se recusou a entrar?

— Segundo ela, havia três pessoas penduradas no teto da barbearia. Uma mulher e duas meninas.

Cecília fez o sinal da cruz repetidas vezes.

— Mas como isso é possível? O tio não tinha percebido?

— Na verdade só a mulher viu. Seu tio me disse que não havia nada de diferente no teto da barbearia. Mas ela conseguiu deixar alguns clientes bem assustados. Alguns até foram embora depois daquilo.

— Imagino. Tia, a senhora lembra de outras histórias como esta?

Cecília balançou a cabeça afirmativamente, com uma expressão assustada no rosto. Jonas levantou-se, meio desorientado, caminhou pensativo até a janela. Ele queria contar alguns detalhes sobre a morte do tio; detalhes que ele omitira até então. Mas não sabia se era o momento apropriado.

— Te assustei, meu anjo? — perguntou a tia, preocupada.

— Não, é claro que não.

Não o assustou, mas com certeza colocou mais lenha na fogueira. Que a barbearia lhe dava arrepios de vez em quando ele já sabia; só não sabia que o lugar tinha um passado rico em histórias, no mínimo, estranhas.

— Jonas, quero que você me prometa uma coisa.

— Sim, tia, é só pedir.

— Quero que você venda aquela maldita barbearia. Venda, alugue, sei lá! Mas livre-se daquilo, por favor.

— Depois de tudo o que aconteceu, não sei se será muito fácil.

— Fácil não será. Mas me prometa que você irá pelo menos tentar.

Jonas fez que sim com a cabeça.

A porta do quarto abriu-se; era a enfermeira. Seu sorriso era bonito e de uma simpatia sem igual. Era bom ter alguém olhando para eles daquela forma. Ultimamente os olhares sobre eles eram de desconfiança e, em alguns casos, medo.

— Como a senhora está se sentindo hoje? — disse a enfermeira, segurando uma das mãos de Cecília.

— Por incrível que pareça, estou bem.

— Bom, muito bom. Estaria preparada para uma surpresa, dona Cecília?

— Depende. Seria boa esta surpresa? Surpresas ruins eu não agüento mais.

— Boa? Não. Acho que é uma ótima surpresa — a enfermeira olhou na direção de Jonas e deu uma piscadela. Ele retribuiu com um sorriso. — Pode entrar — disse ela, agora olhando na direção da porta, semiaberta.

Uma mulher muito bonita entrou no quarto. Alta, magra, longos cabelos loiros e um olhar expressivo. Vestia uma blusa de lã cinza e uma calça jeans. Jonas a reconheceu de imediato; a semelhança com a tia era muito grande. Cecília desabou em lágrimas. A mulher era a sua filha Amanda.

— Você tinha razão — disse Cecília para a enfermeira. — Foi uma ótima surpresa. A melhor de todas!

As duas se abraçaram, chorando feito duas meninas. Jonas abriu um sorriso ao ver a enorme felicidade da tia. Ela precisava tanto de uma boa notícia; depois de tudo o que enfrentaram juntos nos últimos dias.

Ao perder o irmão, Cecília recebera Jonas. Agora, ao perder o marido, recebera a filha de volta. É claro não há como compensar a perda de um ente querido ou da pessoa amada, mas pelo menos o destino tentava ser generoso com ela.

Amanda, agora com 25 anos, estava morando em Londrina, onde montara sua própria confecção. Havia terminado um casamento de dois anos. Não tivera filhos. Mora sozinha com o gato Nicolau e seu passatempo favorito é ler Agatha Christie.

Jonas estava apreensivo com a visita repentina da prima, mas levou em consideração a alegria da tia. Ele não queria ser o estraga-prazer. Não seria justo com nenhuma das duas. Ambas estavam felizes com o reencontro. E ele deveria estar também.

A primeira vez em que Jonas e Amanda ficaram a sós na sala, ela disse:

— Obrigado por ter cuidado tão bem dela.

— Quem tem algo a agradecer sou eu, não ela.

— Olha você! Cresceu tanto, ficou um homem bonito.

— Obrigado — Jonas ficou um pouco sem graça.

— A última vez em que te vi, era só um moleque com um par de chuteiras nos pés.

— Pois é.

— Me arrependo tanto de ter fugido daquela forma.

— Pois é, não vou mentir para você, seus pais sofreram bastante com a sua partida.

Agora quem ficou sem graça foi a prima. Jonas se arrependeu do desconforto que causara.

— Perdão, eu não deveria ter dito aquilo — disse ele, com um olhar triste.

— Você foi honesto, só isso.

— Sim, mas ...

— Há alguns anos eu vinha criando coragem para vir aqui visitá-los. Mas na hora H eu acabava desistindo — Jonas sentiu sinceridade em suas palavras.

Silêncio por alguns instantes.

— Perdão, mas como você ficou sabendo da história? Você tinha contato com alguém daqui?

— Não. Vi num jornal. Foi horrível! Fotos da barbearia, sangue por todos os lados, o corpo do papai ... — Amanda não conseguiu segurar as lágrimas. — Não consegui acreditar numa linha sequer. Eu precisava vir até aqui e passar esta história a limpo.

— Foi horrível, Amanda — disse Jonas, com um olhar perdido.

— A reportagem dizia que você estava lá quando tudo aconteceu. É verdade?

— Sim, eu estava.

Assim como ocorrera nos últimos dias, desde a morte do tio, Jonas acordou no meio da noite, após mais um pesadelo. Levantou-se e foi até a cozinha tomar um copo d'água. Da sala, avistou a luz da cozinha acesa. Amanda estava lá, debruçada sobre a mesa, pensativa. Havia um copo de leite à sua frente, porém ela não havia tomado um gole sequer.

— Sem sono? — disse Jonas. Amanda assustou-se e derrubou o copo de leite sobre a mesa. Antes que o copo caísse, Jonas antecipou-se e o pegou.

— Perdão, não foi minha intenção assustá-la.

— Tudo bem.

Sorriram um para o outro. Amanda pegou um pano para limpar o leite derramado sobre a mesa.

— Quer ajuda?

— Não, obrigada. A besteira foi minha, certo?

Jonas sentou-se à mesa, de frente para a prima. Ela tinha o mesmo rosto rebelde de anos atrás. Os cabelos estavam mais longos agora, mas o restante não mudara absolutamente nada. Fisicamente lembra muitíssimo a mãe; o jeitão debochado herdara do pai. Amanda e Nélio se amavam, mas viviam sempre em conflito. Um belo dia, a garota tornou-se mulher e decidiu colocar um ponto final às brigas; caiu na estrada com o namorado. Nélio e sua esposa fizeram o possível para encontrá-la, mas a filha era esperta demais. Ambos a criaram assim.

— Você fala enquanto dorme, sabia? — disse Amanda, de repente.

— Sim, sua mãe já me disse isso.

— Pesadelos, não é? Ela me contou.

— Sim, todas as noites — Jonas tomou toda a água do copo num gole só. — Desde que ... você sabe.

Amanda sentou-se novamente.

— Não deve ter sido fácil ter visto tudo aquilo — disse ela. Jonas mantinha o olhar fixo no seu copo vazio, como se estivesse hipnotizado. Amanda prosseguiu: — Quando eu vi as fotos no jornal eu quase fui parar no pronto-socorro; minha pressão caiu num piscar de olhos. Mal de família.

Jonas não disse nada, apenas balançou a cabeça positivamente.

— Eu não consigo entender o que aconteceu — disse Amanda, depois de algum tempo. — O jornal disse que meu pai degolou um garoto de 10 anos! Deus do céu, não pode ser verdade uma coisa dessa!

Jonas levantou o olhar na direção da prima.

— Eu vi com os meus próprios olhos.  
— Mas então é verdade? Meu pai matou o menino?  
— Sim ... e não. Não sei como lhe dizer isso.  
— Não estou entendendo. Ele matou ou não matou?  
— Eu vi a navalha cortando o pescoço do garoto. O sangue dele espirrou em mim. Foi a coisa mais horrível que eu já vi em toda a minha vida.

— Mas ... eu não entendo! Por quê? Por que ele faria isso?  
— Eu não sei. Eu só sei de uma coisa, e o que eu vou lhe contar agora, não contei para ninguém. Não contei para a polícia nem para a sua mãe.

Amanda ajeitou-se na cadeira.

— O que foi? — disse ela, ansiosa.

Jonas respirou fundo, olhou outra vez o copo vazio sobre a mesa, voltou o olhar para a prima e disse:

— O rosto do seu pai estava diferente.

— Diferente? Diferente como?

— Não sei como posso explicar. Depois que ele cortou o pescoço do menino, houve um segundo de total choque entre todos os que estavam ali presentes. Ninguém sabia o que fazer, como reagir a alguma coisa tão inesperada e terrível. Depois de fazer aquilo, seu pai olhou bem nos meus olhos. Amanda, ele sorriu para mim. Um sorriso cínico. E os olhos eu jamais vou esquecer ... brilhavam tanto que eu pude me ver refletido neles. Mas aquele não era o seu pai.

— O que você está querendo dizer?

— Não sei, Amanda. Eu conhecia muito bem o meu tio, e o homem que degolou o garoto não era ele. Jamais vou me esquecer aquela expressão de prazer em seu rosto. Não, aquele não era o meu tio. De jeito nenhum!

Amanda não soube o que dizer; estava confusa.

— Você não acredita em mim, né? — disse Jonas.

— Acredito. Desculpa, é que a sua versão me pegou despreparada.

— Por que você acha que não contei isso para ninguém? Só ia piorar as coisas. Vão pensar que estou louco. Ou apenas inventando uma história para inocentar o seu pai.

Silêncio por alguns instantes. Amanda tentava visualizar a cena.

— O que aconteceu depois?

— Foi tudo tão rápido ... e insano. Até darmos conta do que havia acontecido, o garoto já estava morto, nos braços do pai. Foi aí que um dos clientes partiu para cima do meu tio, mas foi ferido com a navalha. Havia mais quatro clientes; dois deles fugiram apavorados, os outros dois reagiram e até conseguiram tirar a navalha das mãos do seu pai, mas foi aí que outra coisa muito estranha aconteceu.

— O quê?

— Seu pai os jogou para fora da barbearia. E os dois homens eram muito mais fortes do que ele. Um deles você deve conhecer, ele era professor de educação física no colégio.

— O Paulão?

— Sim, ele mesmo. Agora imagine o Paulão voando para fora da barbearia.

— Meu pai jamais conseguiria fazer isso.

— E não fez, Amanda. Eu não sei como ou por quê, mas aquele homem não era o seu pai. Ele parecia estar ...

— Possuído?

Jonas fez que sim com a cabeça.

Amanda tentou levantar-se para pegar um copo d'água, mas suas pernas estavam bambas e ela caiu sentada na cadeira. Jonas levantou-se e pegou para ela.

— Eu não devia ter lhe contado isso. Não dessa maneira.

— O quê? É claro que deveria. Quase fiquei maluca ao ver aquela reportagem no jornal. E o título da matéria ainda me causa arrepios cada vez que eu me lembro ... Barbeiro assassino causa terror em cidade do interior paulista.

— Ainda não contei como tudo terminou.

— Meu Deus, é verdade! Como você conseguiu sobreviver? E pelo que pude notar ... sem nenhum arranhão!

— Não sei. Tudo o que eu me lembro é que o seu pai, ou o que quer que tenha tomado o corpo dele, veio para cima de mim. Jamais vou me esquecer daquele olhar furioso. Procurei algo para me defender; a única coisa que encontrei foi uma tesoura. O senhor Kunamara tentou me ajudar; jogou uma cadeira no seu pai. A cadeira acertou suas costas com força; mas pareceu não ter feito nem cócegas. Ele continuou vindo pra cima de mim.

— Meu Deus ...

— Não consegui atacá-lo com a tesoura. Possuído ou não; enlouquecido ou não ... eu não conseguiria machucá-lo. Tentei olhar para ele e não enxergar o meu querido tio, mas foi impossível. Aproveitando-se disso, ele me atacou, apertando meu pescoço com força.

— Você não reagiu?

— Não consegui. Assim como ele havia enlouquecido absolutamente do nada, pensei que tudo pudesse voltar ao normal da mesma forma. E ele voltasse a ser o meu tio de sempre, aquele homem que me educou e fez de mim o que sou hoje, aquele homem bondoso que ajudava a todos sem pedir nada em troca, aquele homem trabalhador e honesto que jamais ficou com 1 centavo que não fosse dele; aquele esposo carinhoso e fiel que sua mãe tanto amava e ainda ama. Eu tinha certeza que ele voltaria a ser o meu tio Nélio.

— Mas ele não voltou, né?

— Amanda, acho que voltou. E é só por isso que ainda estou vivo.

Ela arregalou os olhos. Jonas prosseguiu:

— Quando a pressão de suas mãos contra o meu pescoço diminuiu, pensei que tinha sido o meu fim. Imaginei que fosse abrir os olhos e ver a tal luz no fim de um imenso corredor. Mas não foi isso que aconteceu. Abri os olhos e vi o rosto do seu pai em total estado de choque. Ele parecia não acreditar naquela cena terrível. Aqueles eram os olhos do seu pai novamente. Aquele sorriso cínico e odioso sumira de seus lábios. Meu tio estava de volta. Onde estivera eu jamais saberei; mas ele estava de volta. Eu senti isso, tanto quanto eu sinto a sua presença aqui nesta cozinha.

— E você conseguiu falar com ele?

Os olhos de Jonas encheram-se de lágrimas. Ele tentou segurar o máximo que pôde; até que a primeira lágrima começou a descer.

— Não. Ele pegou a navalha do chão, olhou para mim ... e disse: Sinto muito, filho. Antes que eu pudesse dizer ou fazer alguma coisa, ele passou a navalha no próprio pescoço.

A missa de sétimo dia mexeu com a cidade. De um lado o luto das famílias envolvidas na tragédia, do outro os olhares curiosos da pequena população, não habituada com uma



história tão brutal como aquela. Todos se perguntavam o que teria acontecido com aquele homem simples, cuja reputação era intocável. Ninguém conseguia compreender o que o teria levado a cometer tamanha atrocidade. Havia uma explicação? Nem mesmo as autoridades policiais souberam como definir o caso. Houve quem acusasse Nélio de demência, outros de estresse. Mas ninguém pôde afirmar absolutamente nada. Acharam melhor encerrar o caso.

Ao final da missa, Cecília foi abordada por Cal Cesarino, dono de vários estabelecimentos comerciais da cidade. Cal prestou-lhe os pesares e em seguida mudou o rumo da conversa. Ofereceu-lhe 20 mil reais pela barbearia. A quantia oferecida estava abaixo do valor de mercado, mas Cecília não se importou. O negócio só não foi concretizado ali mesmo por respeito ao seu falecido marido.

Alguns dias depois, com a venda já concluída, Jonas decidiu ir até o local para recolher alguns objetos pessoais e, de certa forma, despedir-se. Ele sabia que não seria uma tarefa fácil voltar à barbearia, mas algo lhe dizia que ele precisava fazer aquilo.

Quando Jonas levantou a porta, um cheiro insuportável exalou de dentro da barbearia. Após o trágico acontecimento, a polícia havia lacrado o local por três dias. Foi difícil encontrar gente disposta a realizar a limpeza. Jonas aguardou na calçada, até que o mau cheiro diminuísse um pouco. Do outro lado da rua, um olhar curioso lhe observava atento. Era o senhor Rubens Santini, dono da padaria. Jonas namorara a filha dele um bom tempo. Se dependesse exclusivamente de Rubens, Jonas seria hoje o seu genro. Infelizmente a filha optou por outros caminhos.

— Vai voltar ao trabalho, filho? — gritou Rubens, protegendo os olhos do sol que batia forte naquele dia.

— Não. Só vim pegar algumas coisas.

— Certo. E sua tia, como vai?

— Bem, na medida do possível.

— Que bom. Precisando de alguma coisa, sabe onde me encontrar.

— Obrigado.

— E passe aqui para tomar um café comigo, hein!

— Pode deixar — Jonas fez sinal de positivo.

Era a primeira vez que Jonas pisava na barbearia, desde o dia em que ele ajudara a polícia a fazer a reconstituição do crime. Muita coisa continuava no mesmíssimo lugar. Isso lhe causou algumas lembranças inevitáveis. Ele teria que agir rápido, antes que sua memória entrasse em funcionamento e todas aquelas imagens terríveis viessem à tona.

Não havia muita coisa para levar. A única coisa que Cecília queria mesmo de volta eram alguns talheres, pois foram presentes de casamento. Além dos talheres, ela pediu que Jonas lhe trouxesse um espelho velho que ficava perto da porta. O que lhe interessava não era o espelho propriamente dito, mas sim a moldura. Segundo a tia, a moldura ficaria muito bem num quadro que ela comprara recentemente. Jonas levava uma caixa de papelão para recolher os objetos.

Nos fundos da barbearia há uma cozinha, com uma geladeira velha, uma prateleira, uma mesa e alguns banquinhos de madeira. Ao olhar para os bancos vazios encostados num canto, bateu uma saudade enorme do tio. Quantos almoços eles fizeram juntos, contando piadas e tirando sarro de alguns clientes esquisitos que apareciam na barbearia.

— Você vai fazer muita falta, tio — disse baixinho, olhando ao seu redor.

De repente Jonas ouviu passos na barbearia. Jonas deixou a caixa de papelão sobre a mesa e foi ver quem era. A barbearia estava vazia. Havia apenas uma menina brincando na calçada, pulando amarelinha. Ele nunca tinha visto aquela menina antes. Ela usava um vestido velho e antiquado; parecia estar fantasiada para alguma peça teatral. Havia algo estranho nela; ele só não sabia exatamente o que era.

— Olá — disse Jonas, acenando para a menina.

Ela não lhe deu a menor atenção. Continuou brincando sozinha. Jonas aproximou-se um pouco mais dela e notou que seu pescoço estava todo roxo e seu vestido tinha algumas manchas de sangue.

— Você está bem? — disse ele, preocupado.

A menina parou de brincar. Ela virou o rosto na direção de Jonas, porém o corpo permaneceu imóvel, como uma boneca de plástico. Jonas sentiu um arrepio ao ver aquilo. E ficou ainda mais assustado ao ver que a menina não tinha olhos; apenas dois buracos vazios.

Assustado, ele recuou para dentro da barbearia. Tropeçou na cadeira do tio e o tombo foi inevitável. Caído no chão da barbearia, Jonas começou a ter visões daquela manhã de terror. Viu o senhor Kunamara chorando com o filho ensangüentado em seus braços; viu os homens sendo jogados longe pelo tio; viu a si próprio, horrorizado, segurando a tesoura.

Jonas fechou os olhos e rezou para que as visões desaparecessem. Quando abriu os olhos, ele viu apenas a barbearia. Sentiu um alívio imenso. Restava agora olhar para a calçada e se certificar de que a menina fora apenas sua imaginação.

Ele olhou para a calçada. Mas agora eram duas meninas; gêmeas. O vestido da outra menina estava ainda mais manchado de sangue. Seus rostos eram inexpressivos, mas apontavam na direção de Jonas.

De repente a porta da barbearia fechou-se com força. O estabelecimento não possuía janelas. Tudo ficou escuro. Jonas tentou gritar por socorro, mas não conseguiu. Seus lábios pareciam estar presos. Desesperado, levantou-se e jogou-se contra a porta. Fez isso uma, duas, três vezes. A porta parecia estar trancada; mas como isso seria possível? Ele colocara a mão no bolso e a chave ainda estava lá, bem ao lado do seu celular. Com as mãos trêmulas, ele puxou o celular e ... o display piscava sem parar. Ele não conseguiu fazer nenhuma ligação, muito menos enviar uma mensagem para algum conhecido. Pelo menos o pisca-pisca do display lhe serviu para iluminar um pouco a ...

Jonas não acreditou nos seus próprios olhos. Ao olhar ao seu redor, ele se deu conta de que não estava na barbearia, mas sim numa sala enorme. Olhou para trás e, onde deveria estar a porta da barbearia, havia um sofá velho, todo empoeirado. Jonas não conseguia acreditar naquilo.

Por um momento ele pensou que fosse apenas a sua imaginação; e que ao piscar os olhos tudo voltaria ao normal e ele estaria na barbearia novamente. Mas isso não aconteceu. Ele tocou o sofá e a poeira se espalhou pelo ar. Até o cheiro de mofo ele pôde sentir. Nas suas mãos trêmulas, o celular não parava de piscar. A data no display mudara para 21/05/1932.

A sala onde estava era enorme. Os móveis eram antigos e estavam se deteriorando, mas era notório que aquele lugar um dia fora muito bonito e elegante. Certamente havia pertencido a alguém de muitas posses.

Olhando ao redor, algo lhe chamou a atenção: os quadros nas paredes. Estavam todos rabiscados com tinta preta e manchas vermelhas, como sangue. À sua esquerda

havia uma porta. Seria a saída daquele lugar? Simples assim? Não custava verificar. Jonas correu até ela e girou a maçaneta. A porta abriu facilmente. Mas o que estava atrás dela não era a saída; havia um muro de tijolos.

De repente Jonas sentiu uma pequena corrente de ar, como se alguém tivesse passado por ele. Olhou para trás, torcendo para não ter companhia.

As gêmeas estavam sentadas no sofá, balançando suas perninhas finas. Os rostos delas estavam virados na direção dele. A mão que segurava o celular suava tanto que ele quase o derrubou. A presença das meninas sem olhos lhe deixou nervoso. Elas lhe faziam lembrar de um filme de terror que assistira no cinema uma vez.

— Quem são vocês? — disse ele. Algo estranho aconteceu; a voz saiu com um atraso de alguns segundos, como se fosse um eco perdido.

Elas não responderam.

— Vocês moram aqui? Que lugar é este?

Nada. Elas continuavam balançando as perninhas, batendo os calcanhares no sofá.

— Como eu saio daqui?

Elas reagiram. Viraram os rostos uma para a outra, como se estivessem conversando alguma coisa. Mas se estavam conversando, Jonas não conseguiu ouvi-las.

De repente um grito ecoou pela; ele reconheceu a voz de imediato: tio Nélio. Jonas ficou arrepiado com aquilo. O sangue em suas veias parecia flutuar.

— Tio, é você? — gritou ele. O grito saiu alguns segundos depois. Era uma sensação muito estranha.

Agora foi possível ouvir um choro de criança. Parecia ser o choro de um menino. Jonas logo associou o choro ao filho do senhor Kunamara. Mas não teve tanta certeza; ele não conhecia o garoto tão bem quanto o tio.

— Quem está aí?

Nenhuma resposta. Mas o choro continuou ecoando pelos quatro cantos do caseiro, e vinha aparentemente de cima. Se há um andar de cima, certamente há uma escada. Jonas apontou o celular para todos os lados, até encontrá-la.

Os degraus estavam apodrecidos. Jonas pisou o primeiro degrau com cuidado. A madeira fez um barulho oco e não lhe passou nenhuma segurança de que fosse agüentar o seu peso. Mas agüentou. Jonas é magro e franzino. Mesmo assim ele foi pisando de leve, degrau a degrau.

De repente, quando estava prestes a pisar no décimo degrau, algo segurou em sua mão. Jonas quase teve uma parada cardíaca. Em sua mente, ele viu o fantasma do menino nissei segurando sua mão.

— Jean, é você? — disse ele. Novamente a voz saiu com atraso.

Não. Não era Jean. Era uma das gêmeas. O coração disparou ao vê-la tão perto. O buraco em seus olhos era real; a menina parecia vazia por dentro. Tão oca quanto os degraus da escada.

— Você quer vir comigo? — disse Jonas, tentando não olhar diretamente para a menina. Sua presença o perturbava profundamente.

Ela não disse nada.

— Se você não quer vir comigo, poderia me soltar?

Ela não moveu um músculo sequer. Se é que possuía algum. Jonas tentou se soltar dela. Mas a menina o segurava com uma força incrível.

— Eu não quero machucar você — disse ele para a menina. — Por favor, me solta!

Mas ela não o largou. Jonas tentou de tudo, mas a menina tinha uma força inexplicável.

— O que você é? — disse ele, frustrado e enraivecido. — Você é alguma espécie de fantasma? Zumbi? Me solta, por favor! Eu preciso saber de quem era aquele grito lá em cima! Eu preciso saber!

A menina balançou a cabeça, como se dissesse não.

— Não? — disse Jonas, confuso.

Ela repetiu o gesto.

— Por que não?

Com o outro braço, a menina apontou para o final da escada, lá em cima. Jonas virou-se e mirou o celular naquela direção. Não foi possível ver exatamente quem era, mas havia alguém parado lá.

A bateria do celular começou a falhar. O display passou a piscar com menos intensidade.

— Tio, é você?

A menina começou a puxá-lo para os degraus abaixo.

— O que foi? — disse ele para a menina.

Ela o puxou com mais força, descendo os degraus. Jonas não teve outra opção senão segui-la, ou seu braço seria arrancado fora. Para piorar a situação, havia alguém descendo a escada, vindo em sua direção. E pelo som oco dos degraus, vinha depressa.

A bateria do celular se foi. Escuridão total. Jonas tropeçou no antepenúltimo degrau e caiu ao pé da escada.

— Tem alguém aí?

Silêncio.

Jonas finalmente recobrou os sentidos. Seu corpo inteiro doía. Ele não fazia a menor idéia de onde estava.

Atrás dele, um estrondo.

— Jonas, você está aí? — era a voz de Rubens.

O estrondo outra vez; era Rubens batendo contra a porta da barbearia. Jonas suspirou, aliviado.

— Me tira daqui, Rubens!

— O que aconteceu? Vi quando a porta fechou do nada. Como conseguiu trancá-la pelo lado de fora? É algum tipo de truque?

— Não importa! Me tira daqui, por favor!

— Sua tia tem uma cópia da chave?

— Sim, tem! Por favor, me tira daqui!

Foram os 20 minutos mais longos da vida de Jonas. Encostado na porta da barbearia, no escuro, apavorado, e sentindo a presença de alguém ou algo que ele não queria saber quem era.

Quando a porta da barbearia finalmente foi aberta, Jonas correu para os braços da tia e da prima. Sua roupa estava toda suja de poeira e sua testa sangrava, com um galo do tamanho de uma bola de ping-pong. Pediu para que Rubens recolhesse a caixa de papelão com as coisas que a tia lhe solicitara; pois ele não colocaria os pés naquela barbearia jamais.

Jonas foi levado até o pronto-socorro e levou alguns pontos na testa. No caminho de volta para casa, Amanda percebeu algo:

— Que marcas são estas no seu braço? — disse ela, apontando.

No braço esquerdo de Jonas havia pequenas manchas vermelhas, formando os dedos de uma mão pequenina. A lembrança da menina sem olhos segurando o seu braço com força lhe veio à mente. A experiência tinha sido real.

Jonas queria contar tudo para a prima, mas não na presença da tia. Esperou o momento em que ficaram a sós. Deitado na cama; com a prima sentada num banquinho ao seu lado; ele contou tudo o que havia acontecido. Amanda ouviu toda a história com atenção e sem julgamentos precipitados; ela não tinha motivos para duvidar do primo.

— Eu quero ver o que você viu; sentir o que você sentiu — disse Amanda.

— O quê?

— Se você ouviu mesmo a voz do meu pai em agonia, eu quero ajudá-lo.

— Como? Ela está morto.

— Talvez o espírito dele esteja preso naquele lugar.

— Mesmo que esteja, como você poderá ajudá-lo?

— Sei lá! Mas não ficarei aqui de braços cruzados.

— Não faça isso, Amanda. Tem alguma coisa muito ruim naquele lugar.

— Eu preciso tentar.

Amanda levantou-se.

— Prima, não! Por favor.

— Vai ficar tudo bem.

Ela deixou o quarto, às pressas.

— Não vá sozinha, Amanda! Deixa eu ir com você!

Jonas tentou se levantar da cama, mas os remédios que tomara começavam a fazer efeito. Sentiu-se mole e sonolento.

— Aonde sua prima foi? — disse Cecília, assustada, à porta do quarto.

Jonas apagou num sono profundo.

O rádio-relógio do quarto mostrava 19h26 quando ele acordou. Cecília estava sentada ao seu lado, com um ar de preocupação em seu rosto.

— Aconteceu alguma coisa, tia?

— Sua prima ainda não voltou. Estou com um mau pressentimento.

— A senhora já tentou ligar para o celular dela?

O rosto preocupado de Jonas deixou sua tia ainda mais assustada.

— Sabe como sou desligada com estas coisas. Esqueci de pegar o número.

— Eu também me esqueci — Jonas sentou-se na cama e segurou na mão da tia. —

Fique tranqüila, ela está bem.

— Espero que sim.

Depois dos últimos acontecimentos, era no mínimo estranho. Jonas começou a temer pelo pior. Ele não teve coragem de contar para a tia que Amanda tinha ido até a barbearia. Isso a deixaria ainda mais assustada.

— Vou atrás dela, tia.

De repente as luzes da casa começaram a falhar. O modo como a luz acendia e apagava fez Jonas lembrar-se do display do seu celular, horas atrás. Tal lembrança lhe causou arrepios.

— Que esquisito — disse Cecília, olhando assustada para a lâmpada do quarto. Em seguida ela olhou pela janela. — Lá na rua a iluminação está normal.

Jonas olhou assustado para a porta do quarto.

— O que foi, querido? — disse Cecília.

— Nada, pensei ter visto alguém.

E realmente viu. E não era a prima.

— Amanda! Deve ser ela! — disse Cecília, suspirando aliviada.

Ela deu um passo em direção à sala. Jonas a segurou pelo braço. A luz continuava piscando, mas agora com menos intensidade. Ficava aproximadamente 2 segundos acesa e uns 4 segundos apagada.

— Temos que sair daqui — disse Jonas, ainda segurando o braço da tia.

Jonas conseguiria pular tranquilamente a janela, mas sua tia não. Se quisesse tirá-la da casa, teria que passar pela sala. Mas havia alguém ou alguma coisa lá. Dava para sentir sua presença. Era a mesma sensação que ele teve ao ver o tio degolar o menino na barbearia; sentira aquilo no casarão abandonado também. Uma presença ruim.

Neste momento, os eletrodomésticos da casa começaram a emitir ruídos. A TV da sala chiava; o rádio da cozinha pulava de estação em estação e a geladeira tremia como uma bateadeira velha. A casa toda cheirava mal, um cheiro podre.

— Só pode ser a sua prima, Jonas — Cecília soltou-se do sobrinho.

— Não, tia!

Ao passar pela porta, Cecília viu um vulto preto vagando pela sala. A coisa não caminhava; parecia flutuar sobre o chão. Tinha formas humanas; parecia um homem, mas não era. Não tinha massa corporal, era transparente. Irradiava uma luz amarelada ao seu redor. O rosto estava bem desfigurado. No centro do pescoço havia um buraco do tamanho de uma bola de tênis. De dentro do buraco saíam vermes. Estes eram as únicas coisas que pareciam reais naquela cena.

Cecília estava prestes a vomitar, quando todas as luzes da casa apagaram. Escuridão total. Tremendo dos pés a cabeça, ela deu um passo para trás, tentando voltar para o quarto. Ela não suportaria olhar aquela coisa mais uma vez.

— Tia, você está aí? — sussurrou Jonas, temendo pelo pior.

Antes que ela pudesse responder, a luz do quarto acendeu. A coisa estava ali, entre ela e o sobrinho. Cecília gritou, apavorada. Atrás de Jonas, a janela fechou-se com tanta força que chegou a trincar as paredes do quarto.

— Deixe-nos em paz! — gritou Jonas, olhando nos olhos daquela coisa medonha.

A coisa sorriu para ele. Logo em seguida, Jonas sentiu uma força tomando cada pedaço do seu corpo, como se uma corrente elétrica altíssima passasse por ele. Dor. Uma dor insuportável. E começou a ver imagens passando diante de seus olhos feito uma tela de cinema; mas reais, como se ele fizesse parte delas. De repente ele não estava mais no seu quarto, mas sim de volta ao casarão abandonado. Desta vez o casarão estava resplandecente; os móveis reluziam; tudo estava novo em folha. Os quadros nas paredes tinham pinturas com os rostos das gêmeas. Elas pareciam felizes. Pelo menos nas pinturas elas sorriam. Jonas localizou a escada e, agora, ele conseguiu subir todos os degraus sem ser impedido. Terminou num longo corredor, com oito portas fechadas. Uma delas o atraía. Ele foi até ela. Ao abri-la, encontrou um quarto cheio de brinquedos e com duas camas pequenas. Era o quarto das meninas. No teto, penduradas com cordas nos pescoços, estavam as gêmeas e a mãe. Esta última ainda se debatia, tentando se livrar da corda. Jonas tentou ajudá-la, mas ao tocá-la seu corpo desapareceu, como fumaça. As gêmeas também desapareceram.

Num canto do quarto havia um espelho. Caminhou até ele. Ao se olhar no espelho, não se viu. O reflexo foi o de outra pessoa; um homem de aproximadamente 50 anos, alto, cabelos negros feito petróleo, usava um bigode bem aparado e um par de óculos com lentes minúsculas. Ele se olhava orgulhoso pelo espelho; sorridente, como se tivesse feito algo estupendo. Seu sorriso cínico e seu olhar enlouquecido eram os mesmos que Jonas havia visto no rosto do seu tio, quando ele degolara o garoto na barbearia.

Amanda chegou.

Do portão da varanda, ela já percebeu que havia algo errado. Correu para porta da sala e girou a maçaneta com as mãos trêmulas. Todas as luzes da casa piscavam. Cecília estava desacordada no chão da sala e Jonas, de costas, atrás do sofá, contorcia-se freneticamente. Amanda correu até sua mãe, sem tirar os olhos do primo.

— O que aconteceu com ela? — gritou Amanda para Jonas. — E o que você tem?

Amanda sentiu o pulso da mãe e sentiu um alívio enorme ao ver que ela ainda estava viva. Tentou levantá-la e deitá-la sobre o sofá. Jonas virou-se para ela; Amanda tomou um susto tão grande que quase caiu sobre o corpo da mãe. O rosto de Jonas mudava a todo instante. Por alguns segundos o rosto era o dele; de repente mudava para o rosto do homem de cabelos negros e bigode. Ele ficava se debatendo raivosamente, como um louco tentando arrancar sua camisa de força. Jonas lutava com todas as suas forças contra a possessão. Se não lutasse, a tia e a prima teriam o mesmo fim do tio. De repente, num ato enlouquecido, ele conseguiu puxar a estante contra si próprio. A estante caiu sobre ele, deixando-o desacordado.

Apavorada, Amanda segurou nos braços da mãe e a puxou para longe. Depois atravessou a sala em busca do telefone. Estava mudo. Retirou o celular do bolso; este só piscava e não dava sinal. Quando pensou em buscar ajuda com algum vizinho, algo segurou sua perna. Amanda congelou de pavor. Ao olhar para trás, viu o garoto nissei, morto na barbearia. A cabeça do menino parecia flutuar sobre o pescoço. Amanda quase vomitou ao olhar aquilo.

— Não pode ser real — pensou ela em voz alta.

Havia algo nas mãos do menino. Folhas de papel dobradas como um canudo. Amanda colocou as mãos no seu bolso e percebeu que as folhas que ela trouxera da biblioteca haviam sumido. O menino segurava estas folhas. Nelas havia o resultado de uma tarde toda de pesquisas que ela fizera na biblioteca municipal.

Amanda havia saído de casa para ir à barbearia do pai. Mas o que acontecera com Jonas não se repetira com ela. Ao invés de voltar para casa ela decidiu fazer uma investigação sobre o passado da barbearia. O resultado foram alguns xerox de jornais e fotos antigas, os quais foram parar nas mãos do menino.

— Isto me pertence — disse Amanda, tentando parecer calma.

De repente o menino desdobrou o canudo e apontou seu dedo indicador para uma foto xerocada de um jornal. A foto fora tirada na barbearia, no dia em que Nélio o assassinara.

— Eu sei. Foi onde você morreu — disse ela, quase chorando.

Ele fez que sim com a cabeça. E pegou outra folha. Agora ele apontou para outra foto xerocada. Esta bem antiga, quando a barbearia ainda pertencia ao avô de Amanda. E o garoto apontou o dedo para outra foto; esta ainda mais antiga. Nesta foto estava o Barão Carlos Grondonia, sua esposa Maria e suas filhas gêmeas Luzia e Clara. Amanda aproximou-se do menino e pegou as folhas de suas mãos.

— O Barão enforcou a esposa e as filhas neste mesmo quarto — disse ela, olhando a foto. — Depois ele se matou com um tiro no pescoço. Horrível. A mansão deles ficava justamente naquele quarteirão onde mais tarde foi construída a barbearia.

Amanda colocou as fotos lado a lado e ficou olhando para elas. O garoto ajoelhou-se diante dela, apontando uma foto por vez. De repente Amanda percebeu que havia algo em comum em todas as fotos.

— Como eu não percebi isso antes? O espelho! — depois olhou para o menino. Este fez que sim com a cabeça. — O espelho atrás do Barão é exatamente o mesmo que aparece nas outras fotos da barbearia. Meu Deus, é o espelho que vovô comprara no leilão! Lembro do papai ter me contado esta história.

O menino arregalou os olhos, assustado. Ele estava olhando para Jonas, que estava de pé novamente. Este agarrou o pescoço de Amanda por trás, apertando-o com violência. Ela tentou se soltar dele, mas a força de ambos era infinitamente desproporcional. Quando ela estava prestes a desmaiar, a pressão em seu pescoço diminuiu. Jonas fora puxado para trás com força. Amanda não entendeu o que havia acontecido.

Após recuperar o fôlego ela olhou para trás. Sua mãe estava de pé. Ela segurava Jonas pelos braços.

— Mãe! — disse Amanda, num misto de surpresa e alegria.

E o rosto de Cecília mudou. Amanda não acreditou nos próprios olhos ao ver o rosto do pai no corpo da mãe.

— Pai?

Ele olhou para Amanda. Esta se arrepiou dos pés à cabeça.

— Cuidado! — gritou Amanda, apontando.

Jonas deu um soco no estômago de Cecília. Ela revidou com um chute na virilha de Jonas. Este foi ao chão.

— Parem com isso!

Mas a briga continuou. Por mais absurdo e surreal que fosse, Amanda sabia que não estava assistindo uma briga entre sua mãe e seu primo; mas sim entre seu pai e o Barão Carlos Grondonia. Como aquilo era possível ela não sabia responder. A pergunta que realmente lhe interessava era: Como acabar com aquilo?

As meninas sem olhos apareceram para Amanda. Depois de tudo o que presenciara naquela noite, Amanda não se assustou.

— Clara e Luzia — disse Amanda, olhando para elas.

As meninas a puxaram pelos braços. Elas a levaram até o quintal. Lá, sobre uma mesa velha, estava a caixa de papelão com os objetos trazidos da barbearia. Um dos objetos lhe chamou a atenção, em particular.

— O espelho! — disse Amanda, com os olhos arregalados.

As meninas a soltaram; seus rostos inexpressivos apontavam para ela. Era impossível saber se estavam sorrindo ou chorando. Mas Amanda sabia exatamente o que elas queriam.

— Tudo ficará bem — disse ela para as gêmeas.

Jonas apareceu do nada; andava com dificuldade, mas vinha furioso na direção de Amanda. Esta não pensou duas vezes; correu até a mesa, pegou o espelho e o lançou contra a parede, quebrando-o em dezenas de pedaços. Neste momento uma luz intensa iluminou o quintal, como se diversos holofotes tivessem sido apontados para ele. Amanda protegeu os olhos com as mãos. Ao abri-los novamente, as meninas sem olhos estavam de



mãos dadas com a mãe. Dessa vez havia sentimento em seus rostinhos pálidos; elas estavam sorrindo. Amanda piscou; e foi o suficiente para que elas não estivessem mais ali. Lá atrás, Jonas cambaleou e caiu sobre a grama. Um vulto negro saltou do seu corpo e se esvaiu no ar, como fumaça. Um grito medonho ecoou e foi perdendo força, até desaparecer.

— Primo, você está bem? — disse Amanda, batendo de leve no rosto de Jonas. Este abriu os olhos. O olhar dele foi o suficiente para que Amanda tivesse certeza de que o primo estava de volta.

— Onde eu estou? — disse Jonas, meio assustado.

— Você está bem, é só isso que importa — ela sorriu para ele.

Amanda correu para dentro de casa, preocupada com a mãe. Cecília estava caída sobre o sofá. Seu corpo tinha alguns hematomas e o canto de sua boca sangrava um pouco, mas ela ainda estava viva. Amanda teve esperanças de ver o rosto do pai uma última vez, mas isso não aconteceu.

FIM

Autor: Julio Cesar Bianchi Furtado (Julio Fantasma)

Mais Contos: <http://www.juliofantasma.com.br/contos-de-terror/>

Facebook: <http://facebook.com/juliofantasma>

Twitter: <http://twitter.com/juliofantasma>

Outros contos do mesmo autor:

O Motoqueiro Misterioso

A Menina, o Monge e o Demônio

O Quarto 27

Libertando as Almas

Goonie

A Barbearia

João Tamoio

O Poço

Padre Elijah

O Diário de Renata

O Colecionador

O Negrinho da Feira

Sete Batidas no Portão do Cemitério

A Punição

O Velho 486

O Trem

Sônia

Cristiana

Ana Paula

Olhos Vermelhos

A Festa

Viagem Noturna

A Dama das Orquídeas

Para ler os contos acima, acesse:

<http://www.juliofantasma.com.br/contos-de-terror/>